

As representações midiáticas sobre as mortes violentas na tríplice fronteira

Sandra Cristiana Kleinschmitt¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a forma como as forças culturais dominantes representam as mortes violentas na Tríplice Fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina. A teoria de base é a Criminologia Cultural e a abordagem comparativa. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa documental em jornais dos três lados fronteiriços e de entrevistas realizadas mediante um questionário semiestruturado. A análise desses dados resultou na conclusão de que as forças culturais dominantes do lado brasileiro representam as letalidades relacionadas aos mercados ilícitos transnacionais. No lado paraguaio verificou-se uma divisão entre os motivadores relacionados ao narcotráfico e aos motivadores não relacionados ao narcotráfico. Por fim, no lado argentino predomina a representação sobre motivadores interpessoais.

Palavras-chave: Representações midiáticas; Mortes violentas; Tríplice Fronteira.

The media representations on violent deaths in the triple border

Abstract: The present article aims to analyze how the dominant cultural forces represent the violent deaths on the Triple Frontier between Brazil, Paraguay and Argentina. The basic theory that of Cultural Criminology and the approach comparative. The data were obtained from documentary research in newspapers from the three frontier sides and from interviews conducted through a semi-structured questionnaire. The analysis of these data resulted in the conclusion that the dominant cultural forces on the Brazilian side represent the lethalties related to the transnational illicit markets. On the Paraguayan side there was a division between the motivators related to drug trafficking and motivators not related to drug trafficking. Finally, on the Argentine side, the representation of interpersonal motivators predominates.

Keywords: Media representations; Violent deaths; Triple Border.

¹ Doutora em Sociologia na UFRGS. Professora do curso de Ciências Sociais da Unioeste. E-mail: sandraskleinschmitt@hotmail.com

Introdução²

Este artigo tem por objetivo analisar a forma como as forças culturais dominantes representam as mortes violentas na Tríplice Fronteira entre o Brasil (BR), o Paraguai (PY) e a Argentina (AR). Por mortes violentas ou letalidades entende-se mortes que foram provocadas por outro, independentemente da intenção do autor. Nessas mortes estão compreendidos os homicídios nos termos jurídicos culposo, doloso e/ou qualificado, os roubos seguidos de mortes e outras violências, independentemente da legislação vigente em cada país, inclusive os encontros de cadáveres ocasionados por agressões e os casos de mortes pela polícia durante a atividade. Não estão incluídos os acidentes de trânsito. Conforme a perspectiva teórica da Criminologia Cultural, as forças culturais dominantes, representadas pelos setores econômicos e políticos, que prevalecem em um determinado lugar, configuram-se como as responsáveis por criminalizar alguns setores sociais e suas práticas.

Neste artigo se compara a construção da notícia nos jornais “A Gazeta do Iguazu” (BR), “Diario Vanguardia” (PY) e “La Voz de Cataratas” (AR), juntamente com o tratamento dado pelas polícias de cada lado em relação ao conteúdo e aos fatos relacionados com os casos de mortes violentas. Trata-se de uma análise que se constrói sobre um farto material empírico sobre as representações midiáticas e policiais do acontecimento violento. Os dados quantitativos foram obtidos por meio da coleta nos jornais durante o período de um ano, de janeiro a dezembro de 2014, no caso dos jornais do Paraguai e da Argentina, e entre fevereiro de 2014 e janeiro de 2015, no caso do jornal brasileiro.

Além dos dados documentais, o presente artigo é composto por 19 entrevistas realizadas com policiais e jornalistas de cada lado da fronteira. Foram realizadas entrevistas com policiais da Polícia Civil e da Polícia Militar do Estado do Paraná, da Polícia Judicial da Província de Misiones e da Polícia Nacional do Paraguai, do setor de turismo. Também foram realizadas entrevistas com jornalistas do jornal “A Gazeta do Iguazu”, de Foz do Iguazu; do “Diario Vanguardia”, de Ciudad del Este; e dos jornalistas dos periódicos “La Voz de Cataratas”, “Iguazú Noticias” e “Canal CVI”, de Puerto Iguazú. Por fim, a análise dos dados gravita entre quantitativo e qualitativo pelo método comparativo.

A perspectiva teórica sobre a representação midiática

As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente construído e partilhado. Elas se constituem pelas noções que os indivíduos estabelecem para se situar e explicar o mundo que os rodeia. Porto (2009) enfatiza que: “Entre mitos, verdades e equívocos, parece pertinente supor que violência e segurança pública passaram a compor [...] um par conceitual a partir do qual a violência é o fantasma cada vez mais presente que afronta e põe em risco a segurança” (PORTO, 2009, p. 214). Essas noções, quando se trata de violência, de segurança pública, de letalidades, dentre outras, estão atreladas ao conteúdo produzido pela mídia. Por isso se interroga sobre a construção do imaginário sobre as representações das letalidades pela mídia local, especialmente pelos jornais com circulação diária.

Para Ferrell, Hayward e Young (2008), deve-se considerar o movimento cultural e imaginar maneiras de acompanhar o que significa e o que se move por meio da política do crime e do controle, ponderando sobre o movimento cultural, sem esquecer o crime e a experiência

² O presente artigo tem por base o capítulo 3 da minha tese: “As mortes violentas na Tríplice Fronteira: números, representações e controle social. Estudo comparativo entre Brasil, Paraguai e Argentina” (2016).

do crime em si. A produção de sentidos, na forma das representações sociais, não ocorre de modo igualitário, pois apenas alguns indivíduos, grupos ou setores da sociedade se tornam os protagonistas desse processo. O restante apenas consome conteúdos, normas e valores que não produziram: “[...] poucos deixarão de admitir que a mídia, em suas diferentes facetas [...] tem protagonizado de modo crescente essa função pragmática de ‘explicar o mundo’ e produzir significado para fatos e acontecimentos sob a forma de representações sociais” (PORTO, 2009, p. 216-217).

A realidade é conscientemente manipulada e os meios de comunicação não só medeiam a realidade para os indivíduos, mas atuam como um sistema de transmissão de mensagens e símbolos. Sua função é divertir, entreter e informar, assim como também é de estabelecer códigos e valores de comportamento para que os indivíduos interajam com as estruturas institucionais da sociedade. Seguindo essa percepção, Arellano (2015), argumenta:

[...] La realidad, salvo cuando se trata de nuestro entorno más próximo, está mediada y es necesariamente filtrada por alguien o algo: gobiernos, empresas, periodistas, tecnologías (la televisión, la radio, Internet). Los medios de comunicación, quizá los principales encargados de aquella labor, transmiten representaciones de los sucesos cotidianos, llenan los vacíos de nuestra limitada percepción, alimentan nuestros imaginarios y contribuyen, así, a la construcción social de aquello que entendemos como ‘la realidad’ [...] (Arellano, 2015, p. 118).

A notícia não relata simplesmente os fatos, mas segue padrões muito diferentes tanto para a “realidade” do crime como para a representação das estatísticas oficiais: “[...] Assim, apesar de muitas vezes ser descrita como uma ‘janela para o mundo’ ou um espelho que reflete a ‘vida real’, a mídia pode ser pensada de forma mais precisa como um prisma, que sutilmente reflete e desvia a visão do mundo que projeta” (JEWKES, 2004, p. 37, tradução nossa).

Assim, não está sendo discutido o que é normatizado, institucionalizado ou legalizado sobre as letalidades, mas o que se expõe nas páginas policiais dos jornais, bem como o que existe empiricamente no imaginário dos produtores da notícia, como os jornalistas e os policiais, que ocupam posições estratégicas na formulação das representações midiáticas sobre as mortes violentas na Tríplice Fronteira. Por isso, interroga-se a realidade a partir do que se diz e se constrói sobre ela, sem, contudo, deixar de considerar que essas representações são construídas coletivamente, não só, mas especialmente pelas forças culturais dominantes. Essas representações variam ao longo do tempo de acordo com o grupo ou com o panorama de interesses nos quais os indivíduos estão inseridos.

Para tanto, é difícil negar a orientação econômica na construção da notícia, visto que, certamente, ela não é a única nesse processo, mas uma das mais influentes. As forças culturais dominantes detêm poder econômico e político e fazem o ataque politizado contra determinados setores sociais. Não se pode negar ou ignorar o caráter dualista da elaboração da representação, especialmente quando se olha para quem são os donos dos jornais – mídia tradicional – ligados à elite local.

Nos três lados da fronteira não existe uma variedade muito grande de jornais. No lado brasileiro, o jornal “A Gazeta do Iguazu” está em atividade há mais de 25 anos. O periódico tem um perfil propenso às conveniências e aos interesses políticos, partidários e empresariais colocados no momento de sua edição (GONZALEZ, 2005). O “Diario Vanguardia” está em atividade desde 2012 e tem um perfil muito semelhante ao jornal brasileiro, pois pertence a

um grande grupo jornalístico do país, o ABC Color. O periódico *on-line* “La Voz de Cataratas” existe desde 2005. Apesar de ser produzido por uma jornalista com produção independente, os anúncios são pagos pelos empresários ligados ao turismo local.

Para a Criminologia Crítica, a informação flui de cima para baixo (JEWKES, 2004). Assim, os meios de comunicação representam os pontos de vista dos líderes políticos, dos líderes militares, dos chefes de polícia, dos juízes, dos intelectuais proeminentes, dos anunciantes e das grandes empresas e dos donos de jornais. Os críticos dessa perspectiva afirmam que ela reduz o espectador, o leitor ou o ouvinte ao papel de receptor passivo, ofuscando as suas opiniões, preocupações e crenças. Por mais que a crítica incida sobre a passividade como o leitor ou espectador recebe a notícia, essa realidade não é estática e passiva, mas é construída em um processo dialético fortemente influenciado pelas forças culturais dominantes.

Em sua função prática, como máximas orientadoras de conduta, as mídias constituem um dos principais produtores de representações sociais. Não se está questionando se essas representações são falsas ou verdadeiras, no entanto, o enfoque atribuído a um aspecto da realidade em detrimento de outro faz com que se silenciem determinados fatos. A forma como a realidade é construída e representada por meio de narrativas midiáticas pode direcionar o sentido da notícia.

Ao construir o binômio mídia-segurança pública como objeto de análise: “[...] significa refletir sobre o fato de que cada um dos polos do binômio constrói a realidade social por meio dos sentidos e das narrativas pelos quais representam a ‘realidade’ da violência e a violência como realidade [...]” (PORTO, 2009, p. 214). A forma como são construídas as representações torna-se material primoroso para entender quais políticas de controle se desdobram a partir delas.

A capacidade que a mídia tem de significar e de modificar a realidade a torna objeto interessante e primoroso para este estudo. Isso pode ser afirmado porque, conforme Porto (2014), é por meio da comunicação que a realidade é produzida, mantida, reparada e transformada. A mídia e a polícia foram escolhidas para a análise, porque se entrelaçam com as práticas e o controle do crime na sociedade contemporânea. A formação da cultura é uma relação dialética com a experiência criminal, por isso é preciso compreender o significado coletivo em torno do cotidiano dos atores sociais, pois estes constituem as forças culturais e formam as políticas de controle (FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008).

A mídia e a polícia possuem responsabilidades conjuntas sobre o noticiário policial, uma vez que edificam cotidianamente as informações sobre o tema. O binômio comunicação-violência faz com que a violência seja construída e estruturada socialmente por um noticiário majoritariamente factual e informativo (VARJÃO, 2008).

Representações sobre as motivações das letalidades

A ação de grupos de extermínio e os encontros de cadáveres com características de execução lideram as motivações apresentadas nos jornais para as mortes violentas no Brasil e no Paraguai. As circunstâncias passionais, os roubos seguidos de morte, as relações interpessoais e as mortes pela polícia aparecem também com mais de cinco mortes nos lados pesquisados. As outras motivações são pouco representadas nas notícias.

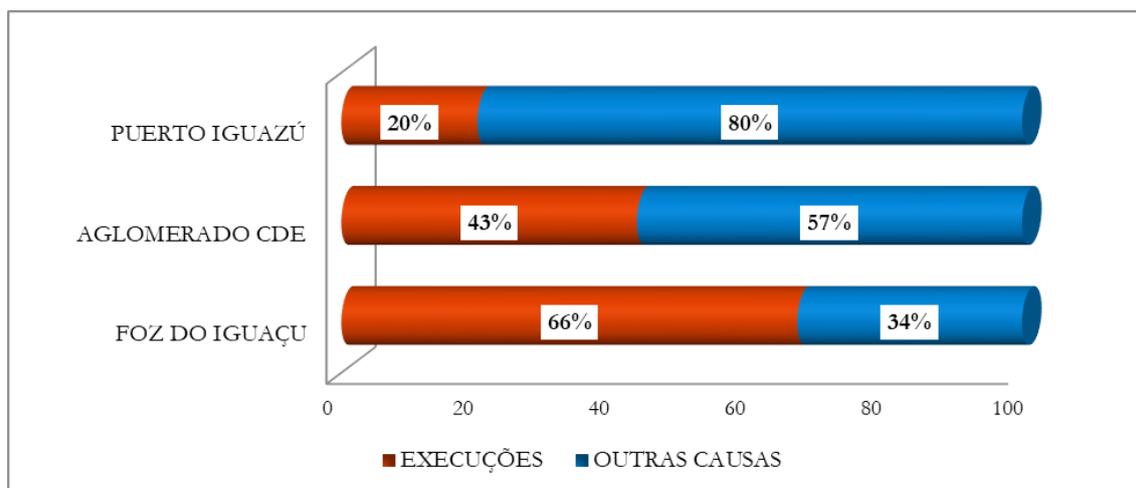
Para melhor delinear as motivações representadas nos jornais, as mortes violentas foram classificadas como “execução” e as que não são classificadas como execução. Por “execução”

entende-se: ação de grupos de extermínio ou execuções sumárias e encontro de cadáver com características de execução. Para o restante das mortes, as motivações são classificadas como violência de gênero, relações interpessoais, latrocínio, mortes de ou por agentes de segurança, entre outras.

As “relações interpessoais” envolvem os conflitos entre pessoas conhecidas cujo desfecho acaba, acidental e/ou inesperadamente, na morte de um dos contendores. Esses conflitos envolvem parentes, vizinhos, amigos, colegas de trabalho, conhecidos que frequentam os mesmos espaços de lazer, pessoas que se cruzam diariamente nas vias públicas, patrões e empregados, comerciantes e seus clientes (ADORNO, 2002). Os conflitos entre companheiros e companheiras não foram incluídos nessa categorização porque foram classificados como “violência de gênero”.

No Brasil, prevalecem as “execuções” como modalidade principal para as mortes violentas. No Paraguai, essa modalidade também aparece, mas em proporções menores. No lado argentino somente um caso foi classificado como execução³. As mortes violentas por execução tornaram-se a maneira mais evidente de representar as letalidades nos jornais do Brasil e do Paraguai, entretanto, a execução é uma maneira, um modo de matar, não uma causa. A Figura 1 apresenta o percentual de notícias representadas como “execução” nos três lados da fronteira:

Figura 1 – Comparação entre as mortes violentas representadas como execução e por outras causas nos três lados da fronteira



Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa de campo compilados a partir dos jornais pesquisados.

A forma como os casos de execução são noticiados no lado brasileiro e no lado paraguaio merece atenção. No lado brasileiro, as mortes noticiadas como “execução”, “execução sumária” e “assassinato” têm um perfil próprio de ser divulgado. As notícias possuem poucas informações sobre o acusado, sobre a vítima e sobre o fato ocorrido, limitando-se à descrição dos fatos e das informações passadas pela polícia. Muitas dessas mortes são por arma de fogo de grosso calibre e com muitos tiros.

³ No caso de Puerto Iguazú foram divulgados cinco casos de mortes violentas, portanto, o tratamento em porcentagem não é adequado, mas optei por fazer o gráfico em porcentagem para traçar um comparativo e mostrar a proporcionalidade da distribuição das motivações/modalidades.

No lado paraguaio, as notícias são maiores e, apesar de fatídicas, possuem mais informações sobre o ocorrido. Em alguns casos, elas se desdobram em notícias nos dias seguintes. Apesar de essas mortes ocorrerem, em sua maioria, por armas de fogo, em poucas ocasiões os jornais brasileiros e paraguaios divulgaram o tipo de arma usada para o crime. Quando houve a divulgação, isso prevaleceu para as mortes com o uso de pistolas 9 mm, 40 mm, 6.35 mm e 380 mm.

Em relação à quantidade de tiros que a vítima recebeu do agressor, o perfil também mostra que, no Brasil, prevalecem as mortes com mais que cinco tiros e por vários disparos. No Paraguai e na Argentina, prevalece a baixa quantidade de disparos. Conforme o policial brasileiro:

Agora em relação às características das mortes é muito constante o uso de pistolas automáticas, porque elas têm uma capacidade maior de tiros. Normalmente o mais usado é o calibre 9mm que é um calibre muito comum na região de Ciudad del Este pelo fácil acesso. A 9mm tem essa mística, porque é uma pistola poderosa, por isso normalmente as execuções são com esse calibre. As mortes são basicamente por armas de fogo, mas nem todas por pistola. Têm mortes com revólver calibre 38 que é muito comum e muito poderoso também. O número de tiros varia, mas normalmente é com muitos tiros, aí você não consegue saber se é porque a pessoa não sabe atirar ou se ela quer ter certeza que matou a vítima. Teve execuções ali com mais de 50 disparos. O bandido troca o carregador da pistola e descarrega um com 15 tiros, outro com 17 tiros, troca mais um e troca mais um. Eu já peguei casos de pessoas ficarem completamente desfiguradas (POLICIAL BR 4).

Tanto no Brasil como no Paraguai os termos “execução” e “assassinato” são usados aleatoriamente, sem qualquer critério de classificação. O termo “pistoleiro” foi usado com frequência nos jornais “A Gazeta do Iguazu” e o termo “*sicário*” no jornal “Diario Vanguardia”. Outras vezes foram usados os termos “matadores” ou “assassinos”, mas se referiam à mesma ação cometida. O termo pistoleiro foi usado nos jornais para qualquer pessoa que usou arma de fogo, para matar ou não. Nos jornais não existe uma menção ou associação desses pistoleiros com crimes de pistolagem, de mando, de aluguel ou por encomenda, como é verificado nos estudos desenvolvidos por César Barreira.

Quando os jornais divulgam que as mortes ocorreram por pistoleiros ou por *sicários*, os “crimes de pistolagem” têm cunho sensacionalista, porque muitos desses crimes são classificados como crimes de homicídio ou de latrocínio, conforme explica Barreira (2014): “[...] O pistoleiro é qualquer ‘bandido’ ou um homicida que praticou um assassinato, tendo como instrumento do crime uma ‘pistola’. Nesse sentido, pistolagem seria o coletivo de bandidos que cometem assassinatos usando ‘pistolas’” (BARREIRA, 2014, p. 308).

O “crime de pistolagem” torna-se uma expressão policialesca e seu real significado fica distorcido nas notícias, porque, com as reportagens, não é possível confirmar esse tipo de prática, com exceção do único caso mostrado no jornal do Paraguai. Para Barreira: “[...] o que diferencia o crime de pistolagem dos outros ilícitos cujo resultado é a morte é a presença de duas personagens: o executor de uma ação nomeada de ‘serviço’ ou ‘trabalho’, e o segundo, o mandante” (BARREIRA, 2014, p. 308-309).

As representações colocam as motivações das letalidades em um “bloco rígido”: mortes ocasionadas por execuções. A porcentagem existente na região é significativa, mas, para além da sua significância, ela é problemática. A morte por execução é aquela que não permite a

defesa da vítima, sendo feita com brutalidade e com muitos disparos por arma de fogo. Além disso, tanto as notícias divulgadas nos jornais como os entrevistados associam essas práticas aos mercados ilícitos.

Os mercados ilícitos referem-se às mercadorias ilícitas vendidas no mercado informal (MISSE, 2007). A partir do conceito de Michel Misse, optei por usar o termo “mercados ilícitos transnacionais” para compactar o que os dados do campo apontaram, a partir das definições legais, por tráfico, contrabando e descaminho e das “muambas”⁴ vindas do Paraguai.

Na representação do jornal brasileiro, essas mortes são operacionalizadas de maneira parecida, com motoqueiros armados, como relata o jornalista brasileiro: “São execuções e a maioria por motoqueiro: vai o assassino na garupa, segue a pessoa e mata. A polícia já pegou gente aí com 20 e poucos assassinatos. São profissionais nisso, são pistoleiros” (JORNALISTA BR 2). O outro jornalista brasileiro reforça essa representação:

Agora tem um tipo que são os motoqueiros, esses se escondem com o capacete vão lá e “pem”. Os crimes acontecem se tem briga de facções, de quadrilhas e de acerto de contas. Tem lugares que se matam com facas, armas brancas, facão, machado, aqui não, aqui é pistola mesmo. As mortes são violentas e com as armas de fogo é para não deixar dúvidas (risos). Faca é pouco, é mais quando são brigas de casal, brigas familiares, quando ninguém tá preparado para uma briga familiar, aí a arma mais próxima é a faca (JORNALISTA BR 3).

Os jornalistas e os policiais relacionam a profissão de autônomo às atividades ilícitas na fronteira, conforme a fala do policial brasileiro que relaciona o autônomo ao contrabandista:

Outro fator da sociedade iguaçuense que é muito atingida pelo homicídio é a pessoa que trabalha como autônoma. Esses autônomos são as pessoas que trabalham com descaminho, que atuam no contrabando. Poucas são as pessoas que realmente são autônomas, que realmente têm alguma profissão lícita como pedreiro, mecânico e pintor (POLICIAL BR 1).

No lado brasileiro e no lado paraguaio a forma típica representada como execução é sempre com muitos tiros e com o uso de motocicletas para operacionalizar a morte. No jornal brasileiro, esse tipo de morte é geralmente noticiada em pequenas notas, relatando minimamente os fatos. No lado paraguaio, essas ocorrências têm destaque maior nos noticiários. Os jornalistas e os policiais brasileiros relacionam essas mortes aos mercados ilícitos transnacionais e os jornalistas e policiais paraguaios as relacionam com o narcotráfico, conforme a fala do jornalista brasileiro:

Aqui entra muita droga por ser fronteira, toda a fronteira do país é assim, vai na fronteira do Mato Grosso, é a mesma coisa: é natural essa entrada de drogas. Essas mortes ocorrem em função das drogas da fronteira, dos acertos de contas por causa da “muamba”. Se você contabilizar o número de assassinatos de pessoas que não são envolvidas com drogas ou com muamba você vai ver que nós somos a cidade mais pacífica aqui da região. As pessoas trabalhadoras de verdade, o empresariado, as famílias, são difíceis de ser assassinados. Se você pegar aqui toda matéria policial, 90% é envolvimento com droga, com narcotráfico, com muamba. O restante, nós seríamos uma das cidades com os menores índices de violência, se não fosse isso (JORNALISTA BR 2).

⁴ “Muamba” é um termo utilizado para as mercadorias vindas do Paraguai de maneira ilícita.

Nas páginas policiais do jornal brasileiro predominam as notícias com várias apreensões de mercadorias vindas do Paraguai, mas, pelas notícias vinculadas no jornal brasileiro, não é possível supor a relação das mortes violentas com os mercados ilícitos da fronteira, como observado na fala do jornalista. Nas falas dos entrevistados, os “acertos de contas” podem estar relacionados às dívidas por consumo de drogas, a ex-presidiários, entre outros fatores, mas o que predomina nos discursos são os mercados, os produtos ilícitos, a dinâmica provocada pela situação geográfica em que o local está inserido: a fronteira internacional, por isso as práticas ilícitas na fronteira com o transporte de mercadorias ilícitas são naturalizadas.

Conforme Ferrell, Hayward e Young (2008), a criminalização das drogas gerou consequências penais. Policiais e procuradores passam a definir a maioria dos assassinatos como “tráfico de drogas”, a maioria dos assaltos como briga por drogas e a maioria dos perpetradores como usuários de drogas. É nesse sentido que policiais, jornalistas e cidadãos acreditam na não necessidade de investigar o caso, dado como “solucionado”.

Por fim, prevaleceu a morte por execução como a forma mais frequente de “fazer” a morte, especialmente no lado brasileiro. Isso implica um perfil específico: armas de fogo com alto poder letal, muitos tiros e o uso da motocicleta na operacionalização da morte. Dadas às particularidades de cada lado da fronteira, o imaginário dos entrevistados relaciona essas mortes às práticas ilícitas que ocorrem na fronteira. É nesse sentido que os próximos subitens apresentam as representações sobre as mortes violentas em cada lado fronteiriço.

Representações em Foz do Iguaçu

Os entrevistados de Foz do Iguaçu representam os mercados ilícitos como motivadores das letalidades, mas dimensionam duas linhas nesses mercados. Uma está relacionada aos mercados ilícitos transnacionais, como o tráfico de armas e de drogas, o contrabando (especialmente de cigarros) e o descaminho (especialmente de aparelhos eletroeletrônicos). A outra está relacionada aos mercados ilícitos do varejo, como o tráfico de drogas nos bairros periféricos. Mas a representação que prevalece é a de que o condicionante das mortes está relacionado à dinâmica da fronteira.

A seguir demonstro como são representadas essas duas linhas dos mercados ilícitos. Optei por fazer a classificação de tudo que foi mencionado e dividi entre mercados ilícitos transnacionais, que ocorrem em grandes quantidades, e mercados ilícitos no varejo, que ocorrem no microtráfico. Essa divisão não fica clara nas falas dos entrevistados, por isso, apesar de fazer a categorização a seguir, no imaginário dos entrevistados prevalece a percepção de que a maioria das mortes ocorre devido ao tráfico internacional, por ser um município localizado em uma fronteira transnacional.

1) Mercados ilícitos transnacionais (no atacado): prevalece no imaginário a dinâmica do tráfico no atacado dos mercados transnacionais. Os entrevistados apontam que alguns fatores são geradores de mortes, como:

a) Acerto de contas pelo tráfico internacional/contrabando/descaminho: são as mortes que ocorrem em função das drogas na fronteira e dos acertos de contas por causa do contrabando, conforme relata o policial:

Tem um mito que contrabando não gera violência, mas é impossível determinar esse valor, até porque você não consegue elucidar 100% dos crimes e quando você elucida nem sempre tem um motivo claro, mas você percebe pelo dia a dia policial, pela experiência policial, que existe uma questão meio nebulosa, que a morte não está relacionada a uma questão passional, que não está relacionada a uma briga de família, que não está relacionada a um mero desentendimento em um bar e que não está relacionada a um assalto frustrado, por exemplo. É meio nebuloso, mas essa experiência policial te permite perceber que houve um acerto de contas. Há certo mito em relação ao contrabando: “há, mas será que o contrabando gera tanta violência?”, talvez diretamente não, mas indiretamente as práticas da informalidade geram esse ambiente propício para que essas coisas aconteçam e que a testemunha não fale e que o sujeito mate por causa de uma carga de contrabando perdida, por exemplo (POLICIAL BR 4).

b) Disputa por portos clandestinos/briga de patrão: são as disputas por portos, pelo lugar de passagem das mercadorias ilícitas. Essas disputas podem ocorrer em várias situações, conforme o relato do policial: “Um traficante cresce o olho no porto do outro, mas ao mesmo tempo, ao matar o outro traficante, ele perde um concorrente e se torna mais forte. Quando isso acontece, a morte é com armamento muito pesado, com tiro de fuzil mesmo.” (POLICIAL BR 2). Outro exemplo é a concorrência que gera as “brigas de patrões”, como menciona o policial: “Você é um patrão e alguém te fornece mercadorias, daí aparece outro cara e fala: ‘Ó, te ofereço a mesma mercadoria, vamos dizer cigarro, eletrônicos a 5% a menos’. Esse patrão não gosta, briga contigo e acaba eliminando a concorrência” (POLICIAL BR 2). O policial segue o relato:

Nos anos 1990 tinha homicídios, sempre teve, mas não era como foi há uns cinco anos atrás. A droga é sempre o pivô desses homicídios. A droga antigamente era pouca, porque pouca cocaína era presa, pouca maconha era presa, *crack* não se ouvia falar. Com o passar dos anos, essas drogas começaram a ganhar certos rumos, porque começaram a vir em quantidade tanto do Paraguai, quanto de outros países. Isso acabou causando mais brigas, mais homicídios, porque começou uma briga por território. Aqui em Foz do Iguaçu a gente chama de portos, esses portos são usados para o descaminho e o contrabando de mercadorias vindas do Paraguai e até mesmo do pessoal da Argentina que trabalha com alimentos. Esses portos eram usados para o contrabando, mas de um tempo pra cá começou a ser usado para passar drogas também (POLICIAL BR 2).

c) “Passar a perna”/“levar vantagem”: nessa categorização os entrevistados mencionam um carregamento que não foi entregue ou a falta de pagamento: “Sempre tem alguém querendo levar vantagem, porque nesse mundo do crime é tudo ilegal mesmo” (JORNALISTA BR 1). Nessa categorização estão incluídas as perdas de mercadorias para a polícia:

O cigarro entra muito por aqui, mas para ter um lucro grande é preciso levar uma carreta. Mas pra essa carreta sair daqui de Foz do Iguaçu e chegar até São Paulo e Rio de Janeiro tem um custo muito alto. Queira ou não, é preciso ter uma conivência com policias no caminho, senão a carga não chega, ela cai em Santa Terezinha. Mas se tiver uma conivência e no meio do caminho a mercadoria é apreendida, o atravessador vai ter que dar um jeito de se justificar pro patrão dele. Se ele não conseguir explicar ele entra na listinha dos homicídios também, porque o patrão dele vai pensar: “Esse cara aí me roubou” (POLICIAL BR 2).

2) Mercados ilícitos no varejo: nesta categorização prevalece a dinâmica do tráfico de drogas e de armas do mercado a varejo nas periferias. Os entrevistados apontam que alguns fatores são geradores dessas mortes, como:

a) Disputa por território/área: disputa interna pelo controle das “bocas de fumo”. Conforme um dos jornalistas brasileiros, cada região tem uma pessoa ou grupo que controla o tráfico e outra que controla o roubo, por isso as mortes podem ocorrer pela disputa pelo domínio de área.

b) Demonstração de poder intra e entre grupos: seria a disputa interna dentro do grupo e as disputas externas entre os grupos. Para um dos policiais de Foz do Iguaçu, essas mortes ocorrem por motivos “bobos” e infantis: “A briga por território não é aquela briga grande como ocorre nos grandes centros: é uma briga mais infantilizada” (POLICIAL BR 1). Outro policial reforça: “Quando você atende um homicídio que o corpo tá perfurado ou virado numa peneira, isso foi feito para demonstrar poder. O que mais ocasiona o homicídio é a rivalidade entre os grupos, como forma de demonstrar poder e o domínio de área” (POLICIAL BR 3). Um dos jornalistas brasileiros corrobora esse entendimento com essa ideia: “As mortes acontecem para mostrar força e é determinada para quem não está cumprindo com as normas do grupo que controla a região” (JORNALISTA BR 1). Para o mesmo jornalista: “Os homicídios aqui são 90% por arma de fogo e normalmente são com mais de uma perfuração. Tem casos que chegaram a 70, 80 perfurações, ou seja, não é só pra matar: é pra mostrar força” (JORNALISTA BR 1).

c) Dívidas de drogas por usuários: essas mortes são relacionadas aos consumidores finais do tráfico de drogas: “O viciado começa a usar a droga e aí ele começa a dever para o traficante e com o tempo ele já não tem aquela condição de quitar a dívida, então ele é assassinado” (JORNALISTA BR 1). Percebe-se o caráter pedagógico na fala dos entrevistados:

O traficante que distribui a droga no lado de cá tem seus clientes, mas alguns clientes compram e não conseguem pagar. Outros compram para repassar e acabam usando. Aí o traficante manda matar, porque o viciado consumia a droga e não pagava. O chefe manda praticar o homicídio por represália para que os outros não fiquem devendo (POLICIAL BR 2).

d) Roubos em determinadas áreas: esse tipo de prática pode provocar mortes violentas, porque atrai a polícia ao local e interfere na dinâmica ou no fluxo do tráfico a varejo. Conforme afirma o jornalista: “Alguém tá roubando num bairro que o tráfico é forte e isso atrai a polícia pra lá, aí o traficante executa o cara” (JORNALISTA BR 1). O roubo pode não estar diretamente envolvido com os mercados ilícitos, mas por “atrapalhar” sua dinâmica, pode gerar mortes, conforme relata o policial:

Muitas vezes, o pessoal acaba não fazendo esses crimes mais violentos pra não chamar a atenção da polícia. Mas também tem bairros que a gente sabe que o cara fala: “Ó, não vai cometer furto por aqui, se quiser vai noutro bairro, não vem cometer aqui porque senão a polícia não sai daqui”. Pra se proteger, eles acabam furtando em outros bairros, porque ninguém conhece eles (POLICIAL BR 1).

e) Vingança: é a situação que ocorre quando uma pessoa de um grupo é assassinada e o outro grupo que perdeu a pessoa quer vingança. Nesse sentido, o policial retrata: “Quando você vai investigar, você vê que é o João que brigou com o Luiz e matou, daí o outro foi se vingar. Outra situação é quando os caras fazem um assalto, um vai preso o outro gasta o dinheiro” (POLÍCIA BR 1). Conforme o jornalista: “Talvez um grupo faça isso em represália a outro, porque normalmente quando uma pessoa de um grupo é assassinada, aquele grupo que perdeu vai lá e mata um integrante do outro. O outro grupo vem e mata também e fica nessa guerra” (JORNALISTA BR 1).

f) Ex-presidiários: são os ex-presidiários que adquirem dívidas dentro dos presídios. Quando saem dos presídios acabam cometendo outros crimes para se livrar das dívidas adquiridas enquanto estavam presos, conforme relata o jornalista:

Você entra num presídio por um crime simples, mas dentro da cadeia você é obrigado a pagar tudo. Então, o grupo que tá dentro da cadeia te cobra e se a tua família não tiver condições, você fica devendo. Quando você sair da cadeia você estará devendo e vai precisar fazer algum serviço pra pagar. Esses serviços geralmente são matar alguém, fazer um roubo ou fazer outro serviço que eles tenham interesse. Então o cara entra na cadeia por um crime simples, mas acaba tendo que fazer alguma coisa grave, porque se não fizer, o próximo que sair mata ele. Se você observar, são muitos casos de ex-presidiários que saíram da cadeia e foram assassinados com 15, 20 dias depois que ficaram livres (JORNALISTA BR 1).

g) Queima de arquivo: é quando a pessoa assassinada possui informações que, caso sejam apresentadas à polícia, pode delatar todo o grupo criminoso, conforme o policial relata: “Esses dias tinha uma quadrilha que andava fazendo roubo em banco e venda de automóveis roubados, daí um ‘piação’⁵ foi preso e depois solto. Ele sabia de muitas coisas e os outros acabaram matando ele pra ele não falar nada” (POLICIAL BR 2).

Um dos policiais comentou que o desentendimento entre contrabandistas ou entre traficantes e usuários é a situação que mais gera mortes: “Eles não vão recorrer ao sistema de justiça criminal para cobrar a dívida, porque o que funciona não é a cobrança, mas ‘dar o exemplo’ para que isso não se repita” (POLICIAL BR 4). Na fala dos entrevistados, a morte é pedagógica e o homicídio é uma consequência de outros crimes: “O homicídio é consequência de um roubo, é consequência de um querer tomar o domínio do outro, porque o homicídio é só o último resultado. Na maioria das vezes, vêm outros crimes de acerto de contas ou de alguma coisa que deu errado” (POLICIAL BR 3).

Os entrevistados consideram que o acesso facilitado às armas é um fator que favorece a ocorrência das letalidades: “Você constata que existe uma ambientação favorável ao acesso à arma. Essas armas muitas vezes são fornecidas e compartilhadas informalmente entre os bandidos” (POLICIAL BR 4).

Em relação aos encontros de cadáveres, os corpos são encontrados com maior frequência nos rios Paraná e Iguaçu. A motivação segue a mesma das execuções, conforme afirma o policial: “A origem da morte, no encontro de cadáver, é um acerto de contas entre grupos rivais, algum desacerto que aconteceu, um roubo, uma droga que não foi dividida, alguém roubou entre eles e descobrem, já matam e eliminam” (POLICIAL BR 3). Essa percepção é corroborada por outro policial:

Essas pessoas que são mortas e jogadas no rio, normalmente é acerto de contas por queima de arquivo, pra “dar lição”, pra “dar o exemplo”. Isso é bem característico também e tá dentro dessa lógica das execuções. Isso já foi mais frequente, hoje é um pouco menos, mas já tivemos casos que abriram a barriga, encheram de pedra e jogaram no rio. Eles amarram uma pedra e jogam pra afundar na água, pra não aflorar na superfície. Mas a gente coloca isso dentro dessa lógica normal de fronteira, apesar de ter diminuído um pouco, vira e mexe acontece de encontrar cadáveres nessa situação (POLICIAL BR 4).

⁵ “Piá” e/ou “piação” é uma expressão regional que significa menino, garoto.

Os cadáveres também são encontrados em matagais, em lugares abandonados ou em bairros isolados. Sua frequência, em 2014, foi considerada baixa em relação aos anos anteriores. A causa atribuída foi por consequência do uso de drogas, de acerto de contas ou de rivalidade entre grupos, e o policial argumenta: “O achado de cadáver geralmente dá muito na questão da droga. O usuário não pagar as dívidas e o traficante mata o usuário e desova num rio, numa mata. Geralmente o achado de cadáver ocorre por execução com arma de fogo” (POLICIAL BR 2).

Alguns casos que os policiais comentaram ocorreram no ano de 2014 e foram noticiados no jornal. Os cadáveres são comumente encontrados nos rios Paraná e Iguaçu. Quem geralmente os encontra são os pescadores, que avisam a polícia.

Outro tipo de morte violenta, o latrocínio ou roubo seguido de morte, é considerado raro em Foz do Iguaçu: “Tinha bastante latrocínio uma época, mas hoje é raro acontecer em Foz. Ainda tem assaltos, mas caiu bastante” (JORNALISTA BR 2). Um dos policiais comenta que foram poucos os casos durante o ano: “O latrocínio é muito reduzido, esse ano foram três, o ano que teve mais foram cinco” (POLICIAL BR 4). Conforme um dos policiais, esses são considerados “os fatos mais lamentáveis!” (POLICIAL BR 3).

As mortes ocasionadas pelo confronto com a polícia também são consideradas de baixa incidência no lado brasileiro: “Aqui em Foz do Iguaçu as mortes em confronto com a gente não chega a uns dez casos por ano, não é um Rio de Janeiro da vida [risos]” (POLICIAL BR 3). Esse tipo de letalidade já foi, porém, considerado mais frequente em Foz do Iguaçu: “Já ocorreram muitos assassinatos que partiram de policiais, às vezes com pessoas inocentes, mas isso há 20 anos, dez anos atrás com uma polícia violenta, mas hoje nós não temos mais isso” (JORNALISTA BR 2).

A diminuição do número desses tipos de mortes foi atribuída à punição severa aos policiais e aos melhores salários. Mesmo assim, a culpa para as mortes é atribuída à vítima: “A escolha pelas armas quem faz é o vagabundo, muitas vezes ele quer puxar a arma e a gente tem arma para se defender, não para atacar o cara. Tem policial aqui que não deu um tiro na rua ainda, porque a gente não vai pro confronto, a gente vai para dialogar” (POLICIAL BR 1). Um dos jornalistas entende que ainda existem muitos confrontos e estes são ocasionados pela facilidade do acesso às armas, que ocorre pela localização na fronteira: “Aqui tem muito confronto com a polícia, porque estamos numa fronteira, pra você conseguir arma aqui é muito fácil. Se você atravessar pro lado paraguaio ou pro lado argentino você tem arma, por isso o número de pessoas armadas aqui é muito alto” (JORNALISTA BR 1).

Por fim, existe a representação das mortes fora dos mercados ilícitos, mas na percepção dos entrevistados essas mortes são mínimas. Conforme um dos jornalistas, as mortes por brigas entre vizinhos são bem raras: “Pelo que eu recordo, brigas entre vizinho não dá uma morte por mês, talvez 12 ou 15 por ano, mas é em função de bebedeira” (JORNALISTA BR 2). Outro fator é o som alto e, com isso, a briga entre vizinhos, mas um dos policiais comenta que, em 2014, o crime contra as mulheres aumentou: “Em 2014 tivemos mais crimes contra as mulheres, mas não dá pra dizer ainda, porque quando se analisa períodos mais curtos você sempre tem uma distorção. Mas dá para perceber que tem diminuído o número total de mortes em Foz do Iguaçu e que o perfil dos crimes de fronteira, os ‘acertos de contas’, ainda permanece. Em menor número, mas ainda permanece” (POLICIAL BR 4).

Nas falas dos jornalistas e dos policiais brasileiros transpareceu a representação das mortes violentas relacionadas aos mercados ilícitos. A divisão entre os mercados no atacado (transnacionais) e no varejo ficou perceptível, apesar de essa divisão não ser clara para os

entrevistados. Com isso, essa força cultural dominante de Foz do Iguaçu atribui a culpa das letalidades ao fato de ser um município localizado em uma fronteira internacional e por possuir sua dinâmica relacionada ao tráfico e ao contrabando.

Representações no Conglomerado Urbano de Ciudad del Este

No lado paraguaio, as representações sobre as motivações das mortes violentas se dividem entre narcotráfico e não relacionadas ao narcotráfico⁶. Na representação dos entrevistados, as mortes ocorrem com o uso de arma de fogo quando estão relacionadas ao narcotráfico e com o uso de arma branca quando ocorrem fora do narcotráfico: “A maioria das mortes violentas são produzidas por armas de fogo, armas brancas quase não têm, elas aparecem somente nos bairros onde tem delinquentes comuns, como nos casos de assalto ou em uma briga sem estar ligado ao narcotráfico” (POLICIAL PY 1).

Assim como no Brasil, os entrevistados acreditam que as mortes violentas têm relações com outros crimes: “Geralmente os homicídios estão ligados a outros atos delinquentes que as vítimas estavam envolvidas, por exemplo, cometeram um assalto e não dividiram o dinheiro ou estavam envolvidas com o narcotráfico” (POLICIAL PY 1). O narcotráfico é unanimemente considerado o principal motivo das mortes violentas no lado paraguaio: “É muito típico, é diferente, é muito violento, depois o que mais acontece é a violência doméstica” (JORNALISTA PY 1). O jornalista segue:

A maioria das mortes está relacionada ao tráfico de drogas, porque é o principal motivo. Aqui existe um fenômeno muito interessante, porque aqui tem muitos padrinhos da droga e muitos traficantes que operam em grandes quantidades. Nas apreensões que ocorrem aqui falamos de muita droga e de várias organizações que estão operando. Quando existe o enfrentamento dessas organizações é que se produzem as séries de execuções com características muito violentas. Todas elas estão relacionadas diretamente com a máfia do Brasil, nós somos braços executores, não mais dos que estão no outro lado. Lá está a máfia, aqui estão seus soldados. Aqui ocorrem atentados com armas de fogo, execuções e algumas práticas que são das favelas, como colocar sacolas plásticas, pneus na pessoa, jogar gasolina e atear fogo queimando a pessoa viva. É uma prática típica das máfias de favelas, como a gente vê nos filmes brasileiros (JORNALISTA PY 1).

Para o jornalista, existe uma organização internacional que interliga brasileiros e paraguaios ao crime organizado. As mortes seriam decorrentes das disputas dentro do narcotráfico e operacionalizadas de forma semelhante às que ocorrem nas favelas do Rio de Janeiro. Nesse sentido, as mortes pelo narcotráfico podem ocorrer pela falta de pagamento de uma mercadoria, pela disputa por território e pela apreensão de mercadorias pela polícia:

Eu acredito que seria por território ou porque se cobra dessa maneira quando se apreende as mercadorias. É bem comum isso, quando é feita a apreensão de mercadorias sempre há uma execução em seguida. Na zona norte do departamento ocorre mortes quando se destroem plantações de maconha e quando interceptam laboratórios de processamento de droga, sempre depois aparecem um ou dois executados. Eu acredito que as mortes de brasileiros em Ciudad del Este é por causa dessas mercadorias, porque sempre se fala que existia envolvimento com as drogas (JORNALISTA PY 2).

⁶ Entre os casos não relacionados ao narcotráfico estão aqueles considerados “passionais” (termo usado nas falas dos entrevistados), violência doméstica, violência de gênero, brigas de bar, brigas entre vizinhos e demais violências interpessoais.

Para os entrevistados, o *modus operandi* ou a forma como as mortes são operacionalizadas também possuem semelhanças com as letalidades de Foz do Iguaçu. Conforme os relatos, o matador usa motocicleta e carrega alguém na garupa, que faz os disparos da arma de fogo, sempre de grosso calibre:

A maioria das execuções é realizada por motoqueiros, inclusive existem pessoas que estavam juntas da vítima, mas os motoqueiros atiraram e só atingiram a vítima. A maioria são motoqueiros que executam, sempre com arma de fogo, pistola 9 mm na grande maioria. Por execução é com bala, com pistola. Se for assassinato com faca é mais por problemas pessoais, familiares, problemas entre vizinhos, entre amigos (JORNALISTA PY 3).

As cidades consideradas mais violentas e com maior vínculo com o narcotráfico foram Ciudad del Este e Presidente Franco. O município de Itakyry, no interior do Paraguai, também foi mencionado como grande produtor de maconha e como um município gerador de muitas letalidades:

As características em cada município são mescladas, porque existem cidades mais tranquilas, como Minga Guazú. Não quer dizer que não tenha registros de violência, mas tem certo nível de tranquilidade, assim como Hernandárias. Ciudad del Este e Presidente Franco têm os desfechos mais violentos, porque são cidades relacionadas ao narcotráfico. Itakyry é uma região caracterizada pela produção de maconha, nessa região temos muitos repórteres assassinados. Outros desfechos violentos ocorrem no interior do departamento, como Santa Rita e São Cristóvão (JORNALISTA PY 1).

Os entrevistados atribuem as motivações das execuções ao narcotráfico, mas, em alguns casos, conforme as investigações andam, o caso se revela violência de gênero, conforme relata o jornalista:

Aqui teve um caso de uma mulher que matou seu esposo que era um ex-policial. A princípio achávamos ser relacionado ao narcotráfico, porque o policial havia sido detido por tráfico, mas depois descobrimos que era violência de gênero. A mulher sofria violência há muito tempo e denunciou para a polícia, mas eles não investigaram. Ela se sentiu totalmente desprotegida e resolveu fazer justiça com as próprias mãos (JORNALISTA PY 1).

No outro lado da polarização, as mortes não relacionadas ao narcotráfico são relacionadas à violência de gênero, à violência doméstica, à violência familiar ou à “violência passional”, mas também aos motivos interpessoais. Para os entrevistados, elas ocorrem nos bairros “marginais” e são provocadas por armas brancas:

Temos muitos casos de maridos que matam as suas esposas e seus filhos. Aqui tem muitos casos de homicídios passionais e os homicídios ficam entre essas duas motivações: narcotráfico e passional. As execuções são sempre com armas de fogo, já as outras mortes são por motivos passionais, por brigas quando estão bêbados ou entre vizinhos. Elas ocorrerem com arma branca, com faca (JORNALISTA PY 2).

Os entrevistados confundem as mortes relacionadas às questões “passionais” e às motivações interpessoais. Na fala dos entrevistados, apesar de nomearem o narcotráfico e os crimes passionais como os principais motivadores das mortes violentas, eles polarizam as representações entre narcotráfico e qualquer motivação que não seja narcotráfico, como a violência doméstica, as brigas de bar, as brigas entre vizinhos, as brigas esportivas, dentre outras, como na seguinte fala:

As mortes ocorrem por muitos motivos, às vezes é uma simples bebedeira ou por discussões, inclusive esportivas, que terminam nesse tipo de crime. As brigas são crimes que não têm relação com o tráfico de drogas, porque geralmente são por questões passionais, disputas familiares, brigas de vizinhos e por aí vai (JORNALISTA PY 1).

A arma de fogo é considerada o instrumento mais utilizado para realizar as mortes: “Aqui é muito fácil para ter acesso às armas de fogo, por isso tem muitas mortes por esse tipo de instrumento. Crimes com faca são casos muito esporádicos, mas aqui a maioria da população vive armada” (JORNALISTA PY 1). O uso da faca é mais comum nas brigas e gera mais feridos que mortos, conforme relata o policial: “Se for uma briga entre vizinhos por agressões verbais é faca, mas isso é mais nos bairros e não acontece muito. Esse tipo de morte acontece umas duas ou três vezes por ano” (POLICIAL PY 2).

Em relação aos encontros de cadáveres, a representação de policiais e jornalistas é diferente. Para os policiais, os encontros de cadáveres são esporádicos e, quando ocorrem, a maior parte é por suicídio. Por outro lado, os jornalistas apontam os encontros de cadáveres como frequentes. Segundo eles, os corpos são encontrados nos rios, em uma zona rural abandonada ou em ruas pouco frequentadas, e, na maioria das vezes, com perfurações por armas de fogo.

Como poucos casos são esclarecidos, eles são atribuídos ao narcotráfico: “Nunca se chega a uma conclusão ou a um esclarecimento do caso, mas algumas pessoas que são executadas têm antecedentes vinculados ao narcotráfico e com coisas assim” (JORNALISTA PY 2). E o mesmo jornalista acrescenta:

Em Ciudad del Este praticamente não tem zona rural, aqui é uma zona comercial com um pouco de zona industrial. A partir do KM 10 é que tem um pouco de zona rural, que é aquela parte do limite com Hernandárias e com Presidente Franco onde se encontram os corpos. Em Ciudad del Este se encontra mais corpos na região que se chama Ponte Seca, no limite com Hernandárias, por ser uma região escura e pouco transitada. Nessa região se encontra vários corpos, a maioria por execução (JORNALISTA PY 2).

Os roubos seguidos de mortes são considerados esporádicos no lado paraguaio: “Ocorrem roubos, mas não chegam a mortes, feridos no máximo. Geralmente os ladrões que não têm experiência são os que matam as suas vítimas” (POLICIAL PY 1). Os roubos de celulares e de dinheiro são cometidos por “*motochorros*”. Os *motochorros* são ladrões que andam nas motocicletas, roubam suas vítimas com o uso de arma de fogo ou de arma branca e fogem. Suas vítimas preferenciais são pessoas do sexo feminino que estão indo ou voltando do trabalho. Os roubos milionários não são cometidos pelos *motochorros* e acontecem em lojas comerciais.

No lado paraguaio existe uma divergência de percepção sobre os casos de mortes ocasionadas por policiais em serviço. Os próprios jornalistas divergem sobre essa questão, pois, enquanto um afirma que ocorreram poucos casos, o outro alega que foram várias mortes por enfrentamento: “Foram registrados vários casos de enfrentamento e, pelo que recordo, morreram oito delinquentes e um policial no ano passado” (JORNALISTA PY 3). O jornalista que afirmou que existem poucos confrontos com a polícia alegou que isso ocorre porque a polícia “[...] oferece proteção aos bandidos”: “A polícia dá proteção aos bandidos. Nós tivemos casos aqui que a polícia dava proteção aos traficantes. Aqui não acontece o enfrentamento, porque não tem uma cultura de combate como aparenta ter no Brasil. Aqui a polícia dá proteção para que jornalistas não entrem em determinados bairros” (JORNALISTA PY 1).

O jornalista que alegou saber de várias mortes por enfrentamento também apontou a existência de suspeitas sobre os casos de execuções. Para ele, essas mortes podem ter sido cometidas por policiais: “Sempre existem suspeitas que existam policiais que são os executores de muitas mortes, não de todos os casos de execuções, mas existem suspeitas que estejam envolvidos nisso, uma quantidade mínima, mas existem suspeitas” (JORNALISTA PY 3).

Já no imaginário dos policiais existem poucos casos de mortes por enfrentamento. Para um dos policiais, isso acontece porque: “A polícia não tem apoio nem do cidadão, nem de seus superiores. O que está no Código Penal muitas vezes não se aplica, por isso o policial tem medo para fazer seu trabalho” (POLICIAL PY 1). O mesmo entrevistado explica que o policial só pode revidar se o delinquente atacar, além disso, o revide deve ser proporcional: “Se o delinquente me atacar com faca e eu disparar, eu vou pra cadeia, porque a legislação diz que precisa ter proporcionalidade de arma, de força. Se atacar com faca, eu devo me defender com faca” Por fim, o outro policial afirma:

Nós não conseguimos fazer muitas apreensões, porque eles fogem. Se dispararmos nos pneus ou nas pernas é a gente que vai pra cadeia. Nós não temos apoio do Estado, por isso evitamos qualquer transtorno, se o delinquente correr deixamos correr, evitamos a fuga nada mais, porque estamos desamparados. Mas de qualquer forma a polícia paraguaia não é bem vista pela população por causa da corrupção, mas esse problema é do país (POLICIAL PY 3).

Outros tipos de mortes violentas mencionadas pelos entrevistados foram as mortes por acidente de trânsito. Por fim, na representação das mortes violentas do lado paraguaio prevalece a polarização das mortes entre narcotráfico e não relacionadas ao narcotráfico. Além disso, os entrevistados acreditam que as mortes não irão diminuir ao longo dos próximos anos porque a tendência é que sempre subam ou mantenha a quantidade de letalidades.

Representações em Puerto Iguazú

Em Puerto Iguazú, a quantidade de mortes é consideravelmente inferior em relação aos municípios dos países vizinhos. Pelas falas dos entrevistados, percebe-se a unânime representação sobre a baixa quantidade de letalidades: “Mortes em Iguazú é bem pouca, pelo menos não escutamos tanto, não é igual ao que se escuta sobre o Porto Meira, em Foz do Iguaçu” (JORNALISTA AR 3). O outro jornalista também reforça: “Não tem quase casos! Eu não posso dizer que tenha 1% de casos de mortes por homicídios, porque são raros e com causas diferentes” (JORNALISTA AR 2).

Em alguns casos, os entrevistados comentam que existem suicídios e afogamentos, mas afirmam que a maior quantidade de mortes violentas está relacionada aos acidentes de trânsito: “Eu acho que a maior proporção de mortes que tem aqui é por acidente de trânsito, uns 90%, e a maioria é com moto” (JORNALISTA AR 2). Outro entrevistado também reforça a baixa quantidade de letalidades, mas enfatiza que ocorrem várias mortes por acidente de trânsito: “Aqui nós não temos muitas mortes. Geralmente as notícias policiais que trazem as mortes são por acidente de trânsito ou por suicídio. Ou seja, é raro que alguma notícia de morte surja por algo violento. Sim, existem pessoas que brigam, esses são muitos os casos, mas os casos de assassinatos são raros” (JORNALISTA AR 1).

As mortes violentas, como homicídios, latrocínios e demais letalidades, são consideradas poucas e as motivações atribuídas às mortes violentas foram as causas interpessoais relacionadas a brigas, violência de gênero e conflitos agrários: “Geralmente as mortes violentas ocorrem quando injerem álcool, aí começam as ‘*rinbas*’ (brigas) e se ‘*peleiam*’ (lutam) com seu ‘*cuchillo*’ (faca). Também existem alguns casos de violência doméstica, alguns casos raros, mas existem” (POLICIAL AR 1). Quando ocorrem as mortes, as motivações atribuídas são: “Infidelidade, problemas com dinheiro [empréstimo sem devolução], brigas no bar, mas esses casos geralmente terminam com feridos, não em mortes” (POLICIAL AR 2). E um dos jornalistas acrescenta:

Estou tentando lembrar quais foram os motivos das mortes nesse ano. Um foi por causa de terra, outro foi o caso da “*pasera*”, que pode ser um caso de vingança, mas não se sabe ainda e tem também os casos com brigas. Nas brigas a maioria fica ferido, mas acho que esse ano teve uma ou duas mortes por briga. Se foram quatro casos ao todo de mortes esse ano foi muito, porque as mortes que mais acontecem são por acidente de trânsito. (JORNALISTA AR 2).

As “brigas” (*rinbas*) de bar motivadas por álcool foram consideradas o maior motivador para as letalidades. Conforme o jornalista: “Isso é típico de bêbado, porque aqui tem conhecidos que estão jogando carta e bebendo e depois se desentendem e brigam. Geralmente são brigas entre conhecidos, mas não com armas de fogo, porque quase não tem armas de fogo aqui” (JORNALISTA AR 2).

As autoridades policiais e os jornalistas suspeitam que a morte de uma das vítimas possa ter ocorrido em função de suas atividades na fronteira, porque a vítima era de nacionalidade paraguaia e sua atividade era “*pasera*”: “Existem alguns casos de pessoas que vivem de passagem de mercadorias. O último caso de morte que tivemos aqui foi de uma paraguaia que trazia suas mercadorias. Há pessoas que trazem mercadorias legais e ilegais, mas não geram mortes” (POLICIAL AR 1).

Esse caso gerou controvérsia entre os entrevistados porque havia ocorrido há pouco tempo e ainda estava em investigação. As versões apontaram para duas possíveis motivações: violência de gênero e crime relacionado aos mercados ilícitos. Na fala do Jornalista 2, as motivações foram as práticas na fronteira: “Eu acho que esse crime foi por encomenda, porque ela traficava droga e era ‘*pasera*’”. Por sua vez, o outro jornalista acredita ser violência de gênero: “Teve o caso da ‘*pasera*’ paraguaia que apareceu morta na mata. Estamos correndo atrás de mais provas, mas tudo está levando a crer que seja um crime passional, pelas características” (JORNALISTA AR 1).

Outra motivação também apontada para as mortes violentas foi a violência de gênero: “O que mais tem de violência aqui é por gênero, tem muito, mas não necessariamente morte por esse motivo” (POLICIAL AR 3). O jornalista relata:

Aqui a gente teve um caso de uma senhora que era concubina de um policial. Ela se separou e fez a denúncia na Comissaría da Mulher sobre os maus tratos que recebia. Quando ela estava fazendo a denúncia entrou o concubino, atirou nela e a matou. Esse seria um caso emblemático de violência de gênero em Puerto Iguazú, mas que ocorreu alguns anos atrás. Aqui as pessoas tratam a violência de gênero como algo normal, não a enxerga como violência, porque isso é cultural. E pior, espalharam boatos totalmente ilógicos e começaram a colocar a culpa na vítima. Em Puerto Iguazú, as mortes nunca são por casos de insegurança, mas por fatores culturais. A violência de gênero é uma coisa do homem missioneiro, porque tem mais o orgulho de homem (JORNALISTA AR 1).

Outro motivador apontado para as mortes violentas foi a disputa por terras. Nesse caso, a vítima foi identificada como *usurpadora*. Na Argentina, centenas de famílias camponesas e indígenas da província de Misiones estão envolvidas em conflitos de terra com empresas madeireiras. Em Puerto Iguazú existem dois grandes assentamentos, um nas “*Seiscientas Hectáreas*” e outro no “*Dos Mil Hectáreas*”, conforme retratam os estudos de Elmice Cammarata (2012) e de Ana Carolina Nuñez (2009; 2011)⁷. O jornalista assim relata:

Teve um caso aqui do menino que morreu na “*Dos Mil Hectáreas*”, que é um lugar onde existem *usurpadores* [possesores de terras]. Aqui as pessoas têm costume de se apossar das terras, então teve uma “folia” ali e mataram um cara de 19 anos. Teve gente presa, mas ainda não tá esclarecido o caso, como foi e quem é o assassino. Ali tem um monte de gente que vem de todos os lados, porque as terras são do governo. Nesse lugar as casinhas são muito precárias e aí eles bebem, eles brigam por terra, brigam por mulher... (JORNALISTA AR 2).

Para os entrevistados, não existe um bairro específico para a ocorrência das mortes violentas, mas o “*Dos Mil Hectáreas*” e alguns bairros são considerados os lugares mais perigosos: “Nas *villas* [favelas] é onde têm mais brigas, mais conflitos, mais problemas, mais lesões, mais golpes e mais mortes” (POLICIAL AR 2). O tipo de arma mais comum nos casos de letalidades é a faca, produzida artesanalmente, e carregada na cintura.

Muitos dos cadáveres encontrados com suspeita de homicídio são considerados de nacionalidade estrangeira: brasileira ou paraguaia. No lado argentino, além de serem considerados raros os encontros de cadáveres, a maioria das motivações das mortes são atribuídas ao suicídio ou ao afogamento: “Não são casos que se encontram o corpo e não se sabe o que ocorreu: geralmente se sabe o que está por trás” (JORNALISTA AR 1).

Em relação aos roubos seguidos de mortes, estes também são considerados raros, no máximo um por ano ou um a cada dois ou três anos. Já os roubos sem o desfecho fatal, esses ocorrem com mais frequência e muitos deles por “*motochorros*”, assim como no Paraguai, como o jornalista comenta:

Os “*motochorros*” abordam com faca: “Me passa a bolsa, me passa a bolsa”, mas a maioria dos casos é com faca. Felizmente nunca ocorreu morte por isso! Aqui teve roubos muitos específicos no ano passado e já prenderam dois chilenos depois que assaltaram uma loja de óculos. Essa gente entrou assim com armas grandes, mas não fizeram nada. Esses caras já estão na cadeia, já foram julgados e já estão no Chile. Depois teve um caso do famoso *teletubes*, de roubos e de assaltos por paraguaios, mas já estão presos também. (JORNALISTA AR 2).

Os casos de confronto com a polícia são poucos e os que resultam em mortes menores ainda, porque, segundo um dos jornalistas: “Os policiais daqui não são violentos” (JORNALISTA AR 2). Outro entrevistado afirma que faz alguns anos que nenhum caso foi registrado: “Em três anos que estou aqui nunca ocorreu algum caso, porque aqui não ocorrem casos de violência policial como no Brasil, que se sabe que é muito dura. Aqui os casos de violência policial são duramente punidos” (JORNALISTA AR 1). Segundo o outro jornalista: “Aqui a

⁷ Para saber mais, ver os estudos de Elmice Cammarata: “Misiones en el contexto transfronterizo con Paraguay y Brasil” (2012); e de Ana Carolina Nuñez: “Ordenamiento territorial y políticas hegemónicas. Una visión crítica” (2009), e “Haciendo mi lugar: Territorialidad y Frontera en un asentamiento del Norte de Misiones, Argentina” (2011).

polícia não pega, a polícia corre!'. Puerto Iguazú é muito segura, tem gente de todos os lados, turistas de todos os lados. Aqui tem muitas forças de seguridade, tem a polícia provincial e a polícia federal, tem a Prefeitura, tem a Gendarmeria e tem o Exército e muitas outras mais” (JORNALISTA AR 2).

A representação sobre as mortes violentas em Puerto Iguazú revela o lado fronteiriço menos violento. As motivações das mortes não são relacionadas às práticas ilícitas vinculadas à fronteira, como se representa no lado brasileiro e no lado paraguaio. Em relação aos três lados, a cidade revela-se pelo ambiente rural e interiorano, apesar de ser um lugar com diversas atrações turísticas e de ter a passagem de diversas pessoas de várias nacionalidades do mundo em função de sua atração turística: as Cataratas do Iguaçu.

Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo analisar as representações produzidas pelas forças culturais dominantes sobre as letalidades na Tríplice Fronteira. As representações são formadas predominantemente por determinados grupos econômicos e políticos do local, bem como de agentes de segurança e da mídia, que coletivamente viabilizam a construção de uma representação social, conforme os interesses das forças culturais dominantes. O fato de essas representações se configurarem como estão não significa que são estáticas ou que não mudem ao longo do tempo, conforme interesses e/ou necessidades.

A frequência e as taxas de letalidades são consideradas altas no lado brasileiro, médias no lado paraguaio e com frequência baixa, mas com taxas médias no lado argentino. As mortes são representadas nos jornais como consequências de execuções. Essa representação nas notícias ocorre em grande parte em Foz do Iguaçu (66%) e em quase a metade dos casos no conglomerado urbano de Ciudad del Este (43%). Em Puerto Iguazú prevaleceram as motivações interpessoais, assim como em mais da metade dos casos no conglomerado de Ciudad del Este (57%). O Quadro 1 traz a comparação entre o que se representou nas notícias dos três jornais analisados.

Quadro 1 – Quadro comparativo das representações midiáticas das letalidades na Tríplice Fronteira

PAÍSES / LETALIDADES	BRASIL	PARAGUAI	ARGENTINA
Homicídios	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência e taxas altas. • Característica predominante: execuções. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência e taxas médias. • Característica predominante: execuções e interpessoais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência baixa, mas taxas médias. • Característica predominante: interpessoais.
Encontro de cadáveres	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência baixa. • Geralmente encontrados nos rios. • Algumas vezes com os abdômenes cortados e com pedras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência – opinião dividida – entre frequente e baixa. • Geralmente encontrados nos rios, lotes baldios e ruas abandonadas. • Corpos esquartejados ou com sinais de torturas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência muito baixa. • Considerado cadáver de estrangeiros. • Geralmente encontrados no rio Iguaçu.
Latrocínios	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência baixa. • Característica: roubos seguido de morte, com motocicleta, praticado contra pessoas com alto poder aquisitivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência baixa. • Características: roubos pequenos cometidos por “<i>motochorros</i>” e os assaltos milionários a bancos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência inexistente.
Autos de resistência	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência baixa. • Característica: perseguição em horário de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência baixa. • Característica: perseguição em horário de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Frequência inexistente.

Fonte: Elaborado pela autora a partir da pesquisa de campo.

Os representantes das forças culturais dominantes da Tríplice Fronteira produzem e reproduzem notícias interessadas. A forma como se produz a notícia, sem análise crítica de especialistas e com meras reproduções factuais, contribui para a construção de um imaginário local que relaciona as mortes violentas à fronteira e à dinâmica das práticas ilícitas de caráter transnacional, no caso brasileiro. Disso resulta a representação de que o tráfico, o contrabando e o descaminho – vindos do Paraguai – geram os acertos de contas e as disputas por portos, elevando as taxas de letalidades de Foz do Iguaçu.

A mudança do perfil das letalidades, no lado paraguaio, contribuiu para incorporar as representações do lado brasileiro, de que as mortes possuem relação com os mercados ilícitos. No lado argentino, o fato de ocorrerem poucas mortes e pelo fato de o perfil das letalidades

proporcionar maiores informações sobre vítimas e algozes, a fronteira e as práticas na fronteira não entraram na argumentação explicativa sobre as mortes violentas.

O Quadro 2 apresenta uma síntese para as informações obtidas com a pesquisa de campo, em uma perspectiva comparada.

Quadro 2 – Comparação do imaginário das letalidades na Tríplice Fronteira

LADO FRONTEIRIÇO	FOZ DO IGUAÇU	CONGLOMERADO URBANO DE CIUDAD DEL ESTE		PUERTO IGUAZÚ
Representação das letalidades	Mercados ilícitos (transnacionais)	Narcotráfico	Não relacionados ao narcotráfico	Interpessoais
Especificações	<ul style="list-style-type: none"> • Acerto de contas • Disputa por portos clandestinos • Disputa por território • “Passar a perna” • Demonstração de poder intra e entre grupos • Dívidas de usuário de drogas • Roubos em determinadas áreas • Vingança • Ex-presidiários • Queima de arquivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Disputas entre “máfias”/ facções • Não pagamento de mercadorias • Disputas por território • Apreensão de mercadorias 	<ul style="list-style-type: none"> • Briga de bar • Briga entre vizinhos • Violência “passional”/ doméstica/ gênero 	<ul style="list-style-type: none"> • Briga de bar • Briga entre vizinhos • <i>Usurpadores</i> • Violência “passional”/ doméstica/ gênero

Fonte: Elaborado pela autora a partir da pesquisa de campo.

Por fim, o propósito deste artigo não foi apontar essas representações como falsas ou verdadeiras, mas apresentar como as forças culturais dominantes as concebem.

Referências

A GAZETA DO IGUAÇU. **Polícia**, fev. 2014/jan. 2015.

ADORNO, S. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. **Jornal de Psicologia (PSI)**, n. 132, p. 7-8, abr./jun. 2002.

ARELLANO, D. B. Construcción de la realidad a través de los medios de comunicación: terrorismo islámico, intereses geopolíticos y criminalidad en la Triple Frontera del Paraná. **Anagramas**, v. 13, n. 26, p. 115-136, jan./jun. 2015.

BARREIRA, C. Crimes de pistolagem e de mando. In. LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. (Orgs.). **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contento, 2014, p. 308-317.

CAMMARATA, E. B. **Misiones en el contexto transfronterizo con Paraguay y Brasil**. Representaciones identitarias a partir de la memoria construida y difundida. “Pasos” con historia y diversas prácticas sociales cotidianas. 2012. Projeto de pesquisa. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales UNaM, Misiones, 2012.

DIARIO VANGUARDIA. **Policiales**, jan./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.vanguardia.com.py/v1/index.php/edicion-impresa/policiales>>. Acesso em: jan. 2015.

FERRELL, J.; HAYWARD, K.; YOUNG, J.. **Cultural criminology: an invitation**. London: SAGE, 2008.

GONZALEZ, E. **Memórias que narram a cidade: experiências sociais na constituição urbana de Foz do Iguaçu**. 2005. 213f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

JEWKES, Y. **Media and Crime: key approaches to criminology**. London: SAGE, 2004.

KLEINSCHMITT, S. C. **As mortes violentas na Tríplice Fronteira: números, representações e controle social. Estudo comparativo entre Brasil, Paraguai e Argentina**. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LA VOZ DE CATARATAS. **Policiales**, jan./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.lavozdecataratas.com/locales.html>>. Acesso em: jan. 2015.

MISSE, M. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, v. 21, n. 61, p. 139-157, 2007.

NUÑEZ, A. C. En Puerto Iguazú, Misiones (Arg.). Ordenamiento territorial y políticas hegemónicas. Una visión crítica. In. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA. 27., 2009, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009, p. 1-13.

_____. Haciendo mi lugar: Territorialidad y Frontera en un asentamiento del Norte de Misiones, Argentina. In. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA; SEMINÁRIO REGIONAL SOBRE TERRITÓRIO, FRONTEIRA E CULTURA; EXPEDIÇÃO GEOGRÁFICA DA UNIOESTE: ESPAÇOS DE FRONTEIRA – TERRITÓRIO E AMBIENTE. 1., 3., 7., 2011, Marechal Cândido Rondon. **Anais...** Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 2011, p. 01-08.

PORTO, M. S. G. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 21, n. 2, p. 211-233, nov. 2009.

_____. Violência e representações sociais. In. LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. (Orgs.). **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contento, 2014, p. 60-70.

VARJÃO, S. **Micropoderes, macroviolências**. Salvador: EDUFBA, 2008.